

## CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.  
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

### Aspectos da historiografia de Moçambique visto do Índico

Thiago de Araujo Folador<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Oceano Índico, África Oriental, Metodologia

Os estudos sobre a África Oriental tendo o oceano Índico como perspectiva apresentam-se como importante ferramenta metodológica para os historiadores, uma vez que permitem compreender a história da África inserida em um contexto e não restrita à concepção de modernidade europeia. Christopher Bayly e Leila Fawaz (2002) evidenciaram os limites dos chamados “estudos de área”, que enfatizaram os estudos a partir de fronteiras geográficas e continentais com raízes da produção de conhecimento durante os processos coloniais, ocasionando na falta de comparação entre os espaços definidos pela lógica europeia. De modo que a ordenação do mundo foi dada pelo projeto

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr. Maria Cristina Wissenbach. E-mail: thiago.folador@usp.br

ocidental assombrado pelo passado imperial e que reduz a uma incompreensão do "ocidente" a leituras caricaturadas sobre os outros espaços.

Pensar o espaço marítimo do oceano Índico tem sido uma das formas dos estudiosos compreenderem as complexas dinâmicas históricas das sociedades da costa leste africana. Nesse sentido, o historiador indiano Sugata Bose (2006) propôs pensar o oceano Índico como uma "arena inter-regional" ao invés de um sistema. O sentido empregado pelo termo "arena" visa à discussão enquanto um espaço de conflito, para dar conta das interações econômicas, políticas e culturais das regiões envolvidas, e não necessariamente uma unidade total. Rompendo com a visão de uma "unidade orgânica" do mundo pré-colonial do oceano Índico a partir da chegada do poder europeu. Sua discussão encontra-se no debate da chamada "nova talassologia", que tem procurado oferecer um ponto de partida para pensar as complexidades das relações sociais e culturais envolvendo as diferentes conexões, circulação entre as fronteiras do oceano Índico (VINK, 2007).

A geografia e a circulação pelo espaço marítimo são norteadores de alguns estudos, com destaque para Michael Pearson (2003). Os ritmos das monções, os domínios da navegação foram essenciais para o controle dos fluxos e do tempo nesse canto do mundo. Esses ciclos dialogam com os interiores, caracterizando uma dinâmica que se estendeu do oceano para dentro do continente africano. As relações entre as caravanas ligando a costa e o litoral, em suas dinâmicas de circulação de produtos, pessoas e ideias. Conexões que foram se estabelecendo principalmente entre nos séculos XVIII e XIX.

As relações entre os omanis e os portugueses remontam ao século XVI, no controle de Mombaça. O sultanato de Omã ainda exerceu forte controle e papel no continente africano, uma vez que Zanzibar tornou-se inclusive capital do sultanato em meados do século XIX. O mundo do oceano chegava até os interiores por meio da expansão do islamismo que definia os costumes e padrões da costa suaíli para as populações do interior (ALPERS, 1969), assim como os impactos das caravanas costeiras até a África Central, caracterizando conexões com o comércio da costa ocidental (WISSENBAACH, 2019). Essas visões endossam processos complexos que encadeiam os interiores africanos com outras regiões do Índico, mas também em contextos globais. Em termos das conexões entre o Brasil e o Índico, Russel-Wood (2001) apresentou a necessidade de contextualizar os brasileiros naquele oceano e as relações do império português por meio de trocas culturais como algo significativo.

Edward Alpers (2009) chamou a atenção para o uso dessas relações ao pensar a África Oriental, em particular o Canal de Moçambique, como parte integral do Oceano Índico. Demonstra a integração comercial da região com o processo de islamização da costa, a povoação de Madagáscar e o comércio de escravizados. Sua perspectiva prima pelo debate na integração do oceano que se dá por meio das cidades litorâneas, que se configuraram em direção ao mar e viviam em função das relações marítimas, principalmente as ilhas no Índico que tiveram um importante papel na relação com a produção agrícola e a o tráfico de escravos.

A importância desses enquadramentos não pode ofuscar, entretanto, que o Oceano Índico, assim como a África estavam inseridos em uma dinâmica global, em especial após 1750. A partir desse momento, a presença europeia, com a entrada da França e Inglaterra no Índico, é mais efetiva, bem como as disputas comerciais, antes concentradas sobretudo entre os portugueses e holandeses. O século XIX foi marcado pela presença já efetiva das potências europeias e, progressivamente, pela penetração do capitalismo na África Oriental, Ásia e Oceania. Invariavelmente, esse processo acarretou profundas transformações nas diversas estruturas locais e desencadeou os processos coloniais no final daquele século.

O processo de expansão islâmica e o comércio da Índia, principalmente da região de Gujarat, são fatores fundamentais na compreensão do oceano Índico tanto quanto as transformações do capitalismo que se inseriram a partir da presença das companhias comerciais e de europeus na região. A discussão desses processos amplia a perspectiva histórica e permite reconhecer como outros sujeitos históricos participaram das dinâmicas econômicas, sociais e culturais, como demonstrou Machado (2014) sobre o papel dos mercadores vaniyas (ou banias) da região de Gujarat, cujo negócio com tecidos tornara-se peça fundamental para o desenvolvimento da empresa comercial escravista em Moçambique entre 1750 e 1850. Para o historiador, ao discutir as dinâmicas do Índico na relação de demanda para o consumo de tecidos, é possível evidenciar o papel de atores que eram entendidos como marginais à economia global.

Acrescente-se como as questões sobre o oceano Índico foram muito particulares para os estudos sobre a escravidão, abolição e diáspora no leste da África. Os estudos do mundo do oceano Índico, coordenados por Gwyn Campbell (2004, 2005), procuraram identificar esse cenário enquanto um sistema que engloba a costa oriental da África, o Oriente Médio, o Sul e o Sudeste asiático. Logo, a escravidão no Índico não foi única,

operou em momentos diferentes, com seus diversos agentes e formas de atuação e apropriação.

Quando analisada a história da região atualmente entendida como Moçambique, é inegável suas relações com o oceano Índico. O espaço que veio a ser ocupado pelos portugueses, antes de sua chegada, vivia uma dinâmica que não cabia e nem se limitava pelas fronteiras coloniais. A produção de um conhecimento sobre Moçambique não pode ter ponto de partida restrito à presença europeia, sendo uma grande arena com muitos atores e interesses em disputa, conflitos e negociações.

### Referências bibliográficas:

ALPERS, Edward. *East Africa and the Indian Ocean*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ivory and Slaves: Changing Pattern of International Trade in East Central Africa to the later Nineteenth Century*. Berkeley: University of California Press, 1975.

\_\_\_\_\_. “Trade, State, and Society among the Yao in the Nineteenth Century. *Journal of African History*, X, 3, 1969, pp. 405-20.

FAWAZ, Leila; BAYLY, Christopher (ed.). *Modernity and culture: from the Mediterranean to the Indian Ocean*. New York: Columbia University Press, 2002.

BOSE, Sugata. *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in the Age of Global Empire*. Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

CAMPBELL, Gwyn (ed.) *Abolition and its Aftermath in Indian Ocean Africa and Asia*. Londres: Frank Class, 2005.

\_\_\_\_\_. (ed.) *The Structure of Slavery in Indian Ocean Africa and Asia*. Londres: Frank Class, 2004.

MACHADO, Pedro. *Ocean Trade: South Asian Merchants, Africa and the Indian Ocean, c. 1750-1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

PEARSON, Michael. *Indian Ocean*. Londres: Routledge, 2003.

VINK, Markus. Indian Ocean Studies and the ‘New Thalassology’. In: *Journal of Global History*, vol. 2, no. 1, 2007, pp. 41–62.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Conectando sertões e oceanos: trânsitos intracontinentais, vulnerabilidade social e centros de poder na África”. In: REGINALDO, Lucilene; FERREIRA, Roquinaldo. *África, Margens e Oceanos: Perspectivas de História Social*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.